

# O LABIRINTO DE RAWET

THE RAWET'S LABYRINTH | EL LABERINTO DE RAWET

CARLOS ALBERTO OLIVEIRA<sup>1</sup>

## RESUMO

Neste artigo será apresentada uma leitura sobre elementos da trajetória do engenheiro calculista e escritor Samuel Rawet, enfocando especificamente a relação entre sua produção textual e os espaços urbanos, pouco abordada fora dos estudos literários. O ponto de partida é a assertiva de que as trajetórias individuais também podem ser cartografadas ou problematizadas historicamente em relação ao espaço e tomadas a partir da multifacetada dinâmica de apropriação e ressignificação do mesmo, sendo indivíduos e grupos seus agentes diretos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Brasília. Cultura urbana. Engenharia. Literatura. Samuel Rawet.

## ABSTRACT

*In this article I intend to present a reading about some elements of the trajectory of the structural engineer and writer Samuel Rawet, specifically the relationship between his written production and the urban spaces, hardly ever addressed outside literary studies. My starting point is the presupposition that individual trajectories can also be mapped or historically discussed regarding space and taken from the multifaceted dynamics of appropriation/ownership and resignification of space in which individuals and groups are direct agents.*

**KEYWORDS:** Brasilia. Urban culture. Engineerin. Literature. Samuel Rawet.

## RESUMEN

*En este artículo se presentará una lectura sobre algunos elementos de la trayectoria del ingeniero calculista y escritor Samuel Rawet, enfocada específicamente sobre la relación entre su producción textual y los espacios urbanos poco discutidos fuera de los estudios literarios. El punto de partida es la afirmación de que los caminos individuales también pueden ser cartografiados o planteados históricamente en relación con el espacio y tomados de la dinámica multifacética de apropiación y resignificación del espacio en el que individuos y grupos son agentes directos.*

**PALABRAS CLAVE:** Brasilia. Cultura urbana. Ingeniería. Literatura. Samuel Rawet.

## INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é apresentar alguns elementos da trajetória do engenheiro calculista e escritor Samuel Rawet, enfocando especificamente a relação entre sua produção textual e o espaço urbano, pouco abordada fora dos estudos literários. Não se trata de um exercício de crítica literária ou de aproximação entre história e psicanálise, tendo em vista que o escritor vem recebendo a devida atenção dos núcleos de estudos literários nas últimas décadas. Neste caso, o ponto de partida é o pressuposto de que as trajetórias individuais também podem ser cartografadas ou problematizadas historicamente em relação ao espaço e tomadas a partir da multifacetada dinâmica de apropriação e ressignificação, sendo indivíduos e grupos seus agentes diretos.

O material de referência para elaboração deste artigo é a reedição de “Samuel Rawet: ensaios reunidos”, organizada pelos pesquisadores Rosana Kohl Bines e José Leonardo Tonus e publicada em 2008 pela Editora Civilização Brasileira. Teses e dissertações<sup>2</sup> recentes também foram abordadas durante a construção do texto, afim de verificar, sobretudo, de que maneira a academia têm se ocupado de Rawet, personagem que demanda uma constante reinvenção dos mecanismos de pesquisa e articulação nas formas de interpretação.

No caso desta abordagem, o desafio vem como parte da necessidade de entender como figuras proeminentes da engenharia não só contribuíram para a formulação do espaço urbano, mas também se confrontaram com valores e experimentaram situações de ruptura. Dessa maneira, recorro à metáfora do labirinto para ir de encontro a sujeitos como Rawet, os quais reconstróem duas dimensões principais para os historiadores: o tempo e o espaço.

## DESLOCAMENTOS

Aproveito os comentários sobre o livro de Erich Heller, Kafka, em tradução de James Amado, e publicado pela Cultrix, para trazer a minha declaração pública a quem interessar possa, de meu desvinculamento completo e total de qualquer aspecto relacionado com a palavra judeu, familiar ou não. Não, não sou anti-semita, porque semitismo não significa necessariamente judaísmo, sou antijudeu, o que é bem diferente, porque judeu significa pra mim o que há de mais baixo, mais sórdido, mais criminoso, no comportamento deste animal de duas patas que anda na vertical. Não vou pedir desculpas pela linguagem vulgar. O meu vocabulário é o do carioca, e com pilantras é impossível, e inadequado, literária e estilisticamente, o emprego de vocabulário mais refinado. Quero pedir a essa meia dúzia de oito ou nove, quatro ou cinco, de judeus ou parceiros de judeus em suas transas marginais, que vivem me aporrinhando por aí, que desinfetem! (BINES & TONUS, 2008, p.191).

O trecho acima, retirado de Kafka e a mineralidade judaica (1971), talvez seja um dos registros mais polêmicos deixados pelo escritor e crítico literário Samuel Urys Rawet. Nele, expressou suas mais profundas angustias, sem dissociar sua energia criativa das neuroses e dos seus conflitos de identidade. Judeu, Rawet nasceu em 1929 na cidade de Klimontov, na Polônia, e mudou-se para o Brasil aos sete anos de idade, onde foi naturalizado<sup>3</sup> e onde profissionalizou-se como engenheiro. Antes de falecer, em 1984, Rawet havia integrado a equipe de Oscar Niemeyer e Joaquim Cardoso, arquiteto e especialista em cálculos de estrutura, ambos envolvidos na construção do Conjunto Arquitetônico da Pampulha, em Belo Horizonte, e dos palácios de Brasília, no Distrito Federal.

Sua atuação como engenheiro não esteve sobreposta à sua produção enquanto ensaísta e crítico, mas serviu como conexão entre temporalidade, subjetividade e espacialidade. Aqui, tratarei de parte da sua produção textual e sua trajetória pessoal como processos inseparáveis e como documentos de uma tentativa de ruptura com os valores ligados à sexualidade, à comunidade e ao meio profissional. Foi na literatura que o prodigioso engenheiro calculista encontrou a entrada para seu próprio labirinto, com um mapa sem escala e sem norte.

Entre os anos de 1950 e 1980, Rawet produziu vários ensaios os quais iam da crítica literária às próprias questões existenciais, manifestando, também, uma falta de sossego e um inquietamento em relação à sua própria existência. A escrita, ao longo das duas últimas décadas de sua vida, foi se tornando um mecanismo paradoxal de autoconstrução e desconstrução de si. Propus-me a reler alguns dos ensaios publicados em revistas literárias e jornais, buscando compreender a *narrativa de si* como artifício para o sujeito autoproduzir-se e representar a cidade, incluindo reflexões sobre a sexualidade, críticas à cultura judaica e à noção de comunidade, filosofia e ciência, como amarras para compreensão do mundo.

Esta abordagem desenvolveu-se em diálogo direto com o texto “O Estrangeiro”, de Simmel (2005), e a compilação dos textos de Walter Benjamin (1996), publicados em “Escritos Autobiográficos”, bem como a partir de diálogos indiretos com uma produção sobre a construção de Brasília, com o objetivo de estabelecer relações entre produção cultural e produção do espaço urbano. Simmel (2005, p.350) oferece a noção de estrangeiro “não como aquele que vem hoje e amanhã se vai, mas como o que vem hoje e pode permanecer”, subsidiando o entendimento do percurso de Rawet entres cidades e sua instalação na capital federal.

Se viajar é a libertação de qualquer ponto definido no espaço, e é assim a oposição conceitual à fixação nesse ponto, a forma sociológica do “estrangeiro” apresenta, por assim dizer, a unificação dessas duas características. Todavia, este fenômeno também revela que as relações espaciais são, de um lado, apenas a condição, e do outro, o símbolo das relações humanas (SIMMEL, 2005, p.350).

Benjamin traz a descentralização do sujeito e suas múltiplas possibilidades de identificação com os espaços a partir de relações sociais, intelectuais e afetivas. Dos seus escritos retiro a ideia de labirinto:

Nunca más he podido volver a confeccionarlo de la misma manera en que entonces surgió delante de mí, parecida a una serie de árboles genealógicas. Pero ahora que quisiera reconstruir su dibujo en mis pensamientos sin tener que reproducirlo directamente, preferiría mejor hablar de un laberinto. No me ha de preocupar aquí qué sea lo que mora en los aposentos de su misterioso centro, si yo o el destino; tanto más, en cambio, las muchas entradas que conducen a su interior. A estas entradas las denomino conocimientos originarios; cada una de ellas es el símbolo gráfico de mi conocimiento de una persona con quien me había encontrado no a través de otras personas, sino bien sea por relaciones de vecindario, de parentesco, de camaradería escolar, por equivocación, o por acompañamiento de viaje — no hay demasiadas situaciones éstas. Tantos conocimientos originarios, tantas entradas diferentes al labirinto (FERNANDEZ MARTORELL & ROCHA BARCO, 1996, p.215).

Considero, nesse sentido, que a Brasília da experiência individual do escritor foi um lugar diferenciado para uma produção cultural a qual se identificou com o deslocamento e com a cidade. A capital federal, maior cidade construída em todo o mundo no século XX, é marcada por questões que surgem com as propostas de transferência no século XIX: transformar a sociedade a partir da criação de um novo espaço urbano, alinhar progresso e desenvolvimento em torno das articulações entre interesse político e econômico e possibilitar uma produção de cultura que se aproprie do desejo de forjar uma nação.

### **ALGUNS ELEMENTOS CONSTITUTIVOS DA NOVA CAPITAL DO BRASIL**

A imaginação e projeção de uma nova cidade capital para o Brasil teve início com a presença de Dom João VI no Brasil, entre 1808 e 1821; seguiu-se de uma proposta no período da independência motivada por José Bonifácio, entre 1821 e 1824. No Período Imperial, foi Francisco Adolfo de Varnhagen quem levantou a questão novamente. No período republicano, a partir de 1889, os anseios por uma nova capital reaparecem no Estado Novo e Nova República. Seis projetos com nomes de cidades diferentes são enumerados em cada contexto pelo historiador Laurent Vidal: Nova Lisboa, Cidade Pedrália, Imperatória, Tiradentes, Vera Cruz e Brasília (VIDAL, 2009).

Foi através da motivação e otimismo de Juscelino Kubitschek que o empreendimento Brasília foi materializado. A ambição desenvolvimentista dos “cinquenta anos de progresso em cinco anos” e um Concurso Nacional do Plano Piloto da Nova Capital do Brasil, realizado entre setembro de 1956 e março de 1957, marcou a história da arquitetura

ra e urbanismo modernos brasileiros. Momento em que o Estado se alinhava às vanguardas no maior movimento em direção ao “progresso” que o país já teve, reinventando um discurso sobre a cidade e consagrando uma geração de modernos, de Lúcio Costa, autor do Plano Piloto vencedor do concurso, aos seus concorrentes, que puderam realizar propostas as quais representavam uma vanguarda em seu ápice. “Nasceu do gesto primário de quem assinala um lugar ou dele toma posse: dois eixos cruzando-se em ângulo reto, ou seja, o próprio sinal da cruz” (COSTA, 2002, p.119).

Mas a capital, entre sua inauguração e o início dos anos de 1980, em meio ao regime militar que solapou as ambições democráticas do projeto urbanístico e da sociedade brasileira, esbarraria nas revisões teóricas dos pressupostos do urbanismo moderno, que veriam em Brasília

a prova em negativo daquilo que queriam demonstrar. De vitrine a vidraça, a cidade passaria a demarcar um ponto de virada na história da arquitetura moderna, simbolizando não mais a maturação de um processo vanguardista audacioso, e sim a sobrevivência anacrônica de uma ideologia superada, associada então a um espírito tecnocrático (BRAGA, 2010, p.9).

Nesse contexto em que as revisões e reformulações tornam a cidade cada vez mais um “discurso de si mesma”, nasce também uma produção cultural muito bem caracterizada. Essa produção não é inaugurada como o empreendimento urbanístico, mas emerge em meio aos discursos sobre a cidade, sobretudo aqueles que deram um tônus poético à ambição moderna. A construção de imagens em Brasília não aconteceu somente por conta de sua monumentalidade, mas foi um indicativo da possibilidade de rever as relações com a cidade e com projetos urbanos ambiciosos. Não foi por acaso que Cacá Diegues, filho de um funcionário público, ao indagar se de fato seria erguida uma cidade naquela paisagem do Planalto Central, registrou em imagens a construção de Brasília no ano de 1960. A marca de um presente constante, de uma cultura que a partir daquele momento não parou de produzir-se com base em imagens novas, que perseguiu uma cidade em construção e que ajudou na criação de ficções críticas, como “Um candango na Belacap”, 1961, longa-metragem de Roberto Farias, “O homem do Rio”, 1964, longa-metragem de Philippe de Broca, “Fala, Brasília”, 1966, curta-metragem de Nelson Pereira dos Santos, e “Brasília: contradições de uma cidade nova”, 1967, média-metragem de Joaquim Pedro de Andrade.

Se a cidade grande, como destacada por Sarlo, é uma “categoria ideológica e um universo de valores, mais do que um conceito demográfico ou urbanístico” (SARLO, 2010, p.34), o ponto de partida para a construção de imagens que alimentam a cultura de uma cidade tão marcada pelo tempo presente seria a necessidade de encontrar um lugar na história para si mesma. Como postulou Gorelik (2005), Brasília é uma cidade da

continuidade, pois continuou construindo, de forma bastante satisfatória, uma peculiar forma de vida e de produção. É a “confirmação extrema de uma hipótese da história cultural urbana: a hipótese de que a cidade e suas representações se produzem mutuamente” (GORELIK, 2005, p.154).

### ENCONTRAR UM LUGAR PARA SI MESMO

Se a vida de Rawet pelos subúrbios do Rio de Janeiro era simples, foi em Leopoldina e Bonsucesso que sua juventude o levou para as artes, sobretudo para o teatro e a literatura. Sua infância pobre antecedeu a formação como engenheiro de cálculos de concreto armado e sua inserção nos círculos intelectuais cariocas. Lá, Rawet se aproximou do teatro como autor, crítico e ensaísta. Escreveu várias peças, sendo “Os Amantes” a primeira de cunho profissional, inspirada em um conto de Dinah Silveira de Queiroz e estreada em 1957. Teve censurada sua paródia do teatro de revista intitulada “A farsa da pesca do pirarucu e da caçada do jacu”, nos anos 1960. Rawet também permaneceu produzindo contos desde a publicação de “Contos do Imigrante”, 1956. Paralelamente à sua produção literária, obteve diploma na Escola Nacional de Engenharia (atual Escola Politécnica da Universidade Federal do Rio de Janeiro) e passou a integrar o Departamento de Concreto Armado da Campanha Urbanizadora da Nova Capital (Novacap), companhia urbanizadora da nova capital.

A partir de então engenheiro-escritor, esteve em constante trânsito entre a velha e a nova capital. Realizou os cálculos para construção do Congresso Nacional, do Itamaraty, da Catedral de Brasília e do Palácio da Alvorada com a equipe de trabalho do especialista em cálculos e também poeta, Joaquim Cardozo, na Novacap. Foi reconhecido pelos seus colegas de trabalho como um dos melhores engenheiros calculistas do Brasil. Em 1963, Rawet instalou-se em Brasília e, no ano seguinte, seguiu com Niemeyer para Israel a fim de trabalhar nas construções da Universidade de Haifa, das Torres Nórdia em Tel-Aviv e de uma residência em Herzlia.

Antes de embarcar para o oriente médio, Rawet escreveu um pequeno ensaio sobre a obra “Diário de um Candango”, 1963, de José Marques da Silva. Seu ensaio é uma incursão às margens do empreendimento federal como uma experiência situacionista, onde percorre os lugares mencionados no livro de Marques da Silva, então dono de um bar-restaurant conhecido como São José, na periferia da cidade. Rawet desiste após uma experiência tipicamente *flâneur*:

Percorrer durante duas horas a rua principal e as vielas nascidas ao acaso e ao sabor de pequenas modificações topográficas, depois de remoer lembranças que me faziam percorrer não um bairro desconhecido, mas uma paisagem frequente e comum para quem tenha o hábito de em qualquer cidade ir um pouco além do centro apurado [...] (BINES & TONUS, 2008, p.161).

Brasília parecia exercer um magnetismo no polonês imigrado, bilíngue e introspectivo. Seu retorno, após permanecer em Israel entre 1964 e 1965, se deu por desentendimentos com a equipe de trabalho e que se agravaram com a solidão e distância dos amigos. Rawet retornou ao Brasil com uma série de projetos literários e ensaios os quais indicavam um desencantamento com a cultura judaica, com a qual perderia toda sua identificação antes de morrer. Permaneceu em Brasília até 1970, quando decidiu voltar ao Rio de Janeiro para trabalhar no Departamento Nacional de Estradas e Rodagem, ficando até 1974. Retornou, ainda, para a capital federal, onde permaneceu até a sua morte em 1984.

Nesse período, sua produção adquiriu intensidade proporcional à sua crise emocional<sup>4</sup>. Foi uma narrativa de si que se multiplicou nas representações de cidades inscritas em Brasília, nas rotas, nos devaneios, na intenção de elaborar sua filosofia experimental, na memória de um imigrante incomum, que definiu “o ato de pensar como ato de deslocar”. O autor, que passou pelo Rio de Janeiro, por São Paulo, Brasília e Israel, entre vários outros lugares, afirmou em um de seus ensaios: “à medida que me desloco na estrada sou sempre o centro de um plano que intercepta o céu numa linha de horizonte, o mesmo céu que acima da minha cabeça abriga estrelas, talvez mortas” (BINES & TONUS, 2008, p.82).

Sou homem de crepúsculos. De transições. De nascimentos e mortes aparentes. E foi um crepúsculo vivido apaixonadamente que me deu o início deste livro. Já temi esta vibração. Hoje não temo a loucura. É uma forma de consciência-no-mundo que bem utilizada pode conduzir à abertura e ao conhecimento de espontaneidades esclerosadas pela tirania de covardes hipócritas. Não temo a linguagem exaltada. O reino dos céus eu o tive há pouco. Tomo café na Praça Quinze, e compro cigarros. Discuto com o rapaz da caixa. Não tem a minha marca. Entro na barca das cinco. É noite ainda. Amanhece tarde neste junho de novecentos e sessenta. Salto em Niterói. Sinto com prazer a flexibilidade de meus músculos enquanto caminho à procura, entre homens, de um outro café. Vício. Um deles. Vendedores de cinco lâminas. Alguns ônibus descarregam gente apressada. Regresso com eles à barca. Regresso à Praça Quinze. Café. Caminho numa claridade tênue sobre as águas. Um desarranjo intestinal me leva a um bar da Assembleia. O vaso está trancado à chave e a chave amarrada pelo português a uma barra de ferro. No instante exato consigo girá-la. Sentado penso na forma que devo dar a este trabalho. Escrevi os prolegômenos para uma teoria da consciência unificada em um trabalho considerado altamente pornográfico: devaneios de um solitário aprendiz da ironia (RAWET, 1972, p.7).

## A ENTRADA PARA UM LABIRINTO

Em “Escritos autobiográficos” (FERNANDEZ MARTORELL & ROCHA BARCO, 1996), Walter Benjamin alega preferir falar sobre um labirinto, sobre si mesmo com muitas entradas e diferentes centralidades, de uma pessoa que se encontrou em outros persona-

gens, com multiplicidades constitutivas. A metáfora do labirinto, aquele conjunto de percursos intrincados que servem para desorientar as pessoas, é a melhor das estratégias para explicar o ato de recordar como uma espécie de autobiografia às avessas. É o mesmo Benjamin que trata da recordação como um espaço com momentos e inconsistência. O espaço e o labirinto podem ser, ao mesmo tempo, a cidade e o indivíduo ou o indivíduo e a cidade em dimensões interpostas, chaves para alcançar a subjetividade e entender como ela se construiu na dimensão do tempo, privilégio da recordação e do espaço, privilegiado pela experiência.

Em Benjamin, a possibilidade de recuperar a experiência reside na narrativa. A cidade consome a existência das pessoas e, sendo assim, Brasília pode ser tomada como espaço da reelaboração de parte da experiência de Rawet. O escritor é um fantasma em seus próprios escritos. Aparece nos conflitos e nas possibilidades de desentendimento e é o sujeito do seu próprio equívoco. É em Brasília que o competente engenheiro se perde no exercício literário, na escrita como parte de um delírio itinerante.

Seu deslocamento pelo Brasil só pode ser cartografado a despeito de todas as questões objetivas de sua trajetória, como trabalho e residência. Se considerarmos essas questões, concluiremos apenas que, em um primeiro momento, Rawet aproveitou as oportunidades profissionais em diversos lugares. Mais a fundo, seu interesse em permanecer em Brasília após a imersão no mundo literário foi de encontro à monumentalidade do projeto de Lucio Costa. Se, por outro lado, considerarmos sua ruptura abrupta com a engenharia e o cálculo, o desligamento de suas atividades junto ao arquiteto Oscar Niemeyer e ao empreiteiro Joaquim Cardoso e a crise com suas próprias origens, nos deparamos com a possibilidade de uma cartografia que inconscientemente faz apologia à deriva, ao percurso dentro de narrativas labirínticas. O comportamento de Rawet, nesse sentido, revela aspectos importantes da construção do indivíduo e suas trajetórias enquanto engenheiro e escritor. O trabalho de Maurício de Castro Corrêa, apresentado ao Instituto Cultural Judaico Marc Chagall em 1992, traz um fragmento importante sobre a personalidade de Rawet e suas narrativas labirínticas:

As pessoas que conviveram com Samuel Rawet, durante a construção de Brasília, lembram-se muito bem da sua personalidade introspectiva e da sua criatividade. “Ele era muito individualista. Morava sozinho. E escrevia muito bem. Era muito isolado; gostava de viver isolado. Não vivia com ninguém. Só. Então isso me parece que afetou um pouco ele, não sei. De repente ficou inimigo de todo mundo” lembrou Jaime Dantas Campello. “ele era judeu, mas não seguia a religião. Ele não gostava de judeu” afirmou Jaime Zettel, arquiteto, relatando que “Samuel Rawet era uma personalidade fantástica, né? Eu sei que, quando ele sentia que tava ficando maluco, ele se internava sozinho. Quando melhorava, ele saía. Era um calculista incrível (KLIDZIO, 2010, p.87).



Segundo Gagnebin (1994), ao tratar da história e narração em Walter Benjamin, o filósofo alemão, afirmando usar a primeira pessoa somente em suas cartas e se gabando de escrever melhor do que os colegas, abriria uma porta para a reflexão sobre a prática autobiográfica e a narrativa de si. Gagnebin afirma que na prática autobiográfica de Walter Benjamin a concepção de sujeito proposta não restringe a afirmação da consciência de si, mas, seguindo a herança de Proust e Freud, abre as dimensões involuntárias da inconsciência e da vida psíquica. A imagem do labirinto, nesse sentido, é essencial para uma leitura da “Infância berlinense”; é “uma metáfora ao mesmo tempo das relações temporais entre presente, passado e futuro e das relações privilegiadas que o sujeito entretém consigo mesmo pelos descaminhos do amor, das viagens, da leitura e da escrita” (GAGNEBIN, 1994, p.86).

Uma importante contribuição para pensarmos a elaboração de uma narrativa de si pelo escritor polonês é a definição de ipseidade. Gagnebin parte da distinção entre identidade-mesmidade, feita por Paul Ricoeur, a qual corresponde à questão *que*, e identidade-ipseidade, que corresponde à questão *quem*. Ipeidade caracteriza o sujeito da linguagem e da ação, sendo uma categoria privilegiada da história no duplo sentido da narração, ficcional ou não, e de processo de acontecimentos individual ou coletivo. Assim,

Esta ancoragem da identidade-ipseidade na história, em particular na narração, explica por que, segundo Ricoeur, as obras literárias representam um tipo de sismógrafo privilegiado da crise da identidade (entendida como mesmidade) e do recurso à identidade como ipseidade, que ainda permite a um “eu” tomar a palavra, mesmo quando “sujeito diz que não é nada”, isto é, quando é “um si desprovido do socorro da identidade idem (GAGNEBIN, 1994, p.95).

Se a noção de ipseidade é cara à Gagnebin para ajudar a entender os sujeitos da narração de si que constitui a “Infância berlinense”, ao lermos os escritos de S. Rawet percebemos que o sujeito narrativo também está submetido aos mecanismos que regem as narrações literárias. A construção da subjetividade do autor, no caso de Rawet, perceptível em suas novelas, crônicas, críticas e ensaios, não se dá exclusivamente no exercício da memorização, mas na exposição de conflitos e traumas, da negação do estatuto da tradição judaica e da própria sexualidade.

Em 1970, Rawet afirmava que o homem era capaz de escolher sua sexualidade e que, assim como na natureza dos animais, a definição do sexo é livre quando não há imposição de operações conscientes, como ser ou não ser homem ou as funções sociais do sujeito masculino ou feminino. O escritor critica o que denomina como “definição patológica”, quando socialmente a homossexualidade é tratada como uma doença e não como algo natural e inerente ao ser humano. É no mesmo artigo que as experiências sexuais de Rawet na cidade aparecem na construção da sua individualidade:

Sete anos de convivência com todos os meios homossexuais, convivência e identificação. Dos cinemas sórdidos aos bares elegantes, das praças e lugares típicos aos apartamentos requintados, onde, ingênuo, ia tendo a revelação da medida em que o fenômeno é latente (BINES & TONUS, 2008, p.27).

Na escrita de Rawet, ao tratar da homossexualidade, não há distância entre os lugares da sua memória. Amarelinho, Cinelândia, Largo do Machado, Jordânia, todos estão em uma cartografia dos sentidos produzida a partir de Brasília, cidade transformada em um refúgio à comunidade judaica, sobretudo aquela carioca que ele próprio taxava de mesquinha e excessivamente materialista.

Em “Homossexualismo: sexualidade e valor”, publicado em 1970, Rawet também percorre lugares no Brasil e na Europa descrevendo experiências sexuais na cidade e digressões sobre a consciência a partir de uma filosofia experimental. Os lugares dessa experiência reflexiva estão localizados no Rio de Janeiro, em Cinelândia e Largo do Machado. Mas poderiam ser Belo Horizonte ou São Paulo, pois, ao organizar textualmente sua experiência, as referências espaciais em lugares distintos entram em uma mesma cartografia de escala reduzida.

No mesmo artigo, Rawet questiona que em nossa cultura homens e mulheres estão submetidos a um processo psicológico o qual define como aceitáveis as relações heterossexuais; que, ao considerar patológico os desvios na sociedade heteronormativa, essa cultura revela seu moralismo e hipocrisia. Ao argumentar em favor da ideia de que o homem escolhe a forma de sua sexualidade, Rawet aponta positivamente para a abolição da família, sendo que “não ousamos perceber que os valores coletivos só tem significado quando recriados individualmente” (BINES & TONUS, 2008, p.29).

## CONCLUSÃO

*“Foi nas minhas andanças que reformulei todas as questões, refiz todas as perguntas”*

Samuel Rawet, Devaneios de um solitário aprendiz da ironia, 1970

Freud (2010), em 1911, publicou importantes observações psicanalíticas sobre o caso de paranoia relatado na forma autobiográfica conhecida como “O caso Schreber”. O psicanalista, assim como Benjamin, destacou nesse estudo de caso o poder do autoconhecimento e da construção de si a partir da escrita. Para o médico neurologista e criador da psicanálise, indivíduos em estado de paranoia estariam inclinados a produzir sobre eles mesmos, sendo a escrita uma reconstrução da realidade, a qual redefine espaços e relações sociais.

No caso de Rawet, a escrita fez da experiência vivida e dos conflitos algo mais que importante, um elemento essencial. Como também não escrevera suas vivências, mas

sua vivência se tornara o ato escrever, sua subjetividade esteve em constante reformulação, assim como seus parâmetros críticos eram continuamente discutidos e revistos textualmente. Além da homossexualidade, a cultura judaica aparece como prerrogativa para abordar a si mesmo. O sentimento de culpa na escrita de Kafka, por exemplo, Rawet afirma ser resultado de uma espécie de envenenamento da própria vida do escritor, o qual fez com que o relacionamento entre sua família e os judeus em Praga e Berlin explicasse “O artista da fome, A colônia penal e A metamorfose” como recriações de vivências não realizadas. Seria a culpa um elemento persecutório na escrita de Rawet ou elemento de sua narrativa que, sem constrangimentos, se tornou um ato confessional para busca de uma purificação, da aceitação da vida como eterno estrangeiro, que sem as bases da cultura herdadas, perdeu-se em Brasília?

Teorias sobre Brasília, que forçavam a indicação de um potencial de transformar pessoas normais em neuróticos e esquizofrênicos, circularam com intensidade a partir da sua inauguração, baseadas na crença de que o excesso de burocracia e os espaços vertiginosos afetariam a saúde mental de seus habitantes. Cálculos, comparações e estudos de caso detalhados foram produzidos na tentativa de revelar uma capital enlouquecedora, a qual muitos queriam encontrar. Mas a busca da *Psicopatologia de uma cidade sem passado*, citando título do artigo de Rodette Carvalho, publicado em 1979, não encontrou na capital federal mais doentes mentais que em Governador Valadares ou qualquer outra cidade brasileira, como afirmou o psicanalista Bazzo (2005).

Mas, se não foi Brasília que perturbou o escritor, encontro dificuldades em pensar que Rawet poderia ter tido crises tão marcantes para sua produção literária em outro lugar. Somente em Brasília, um local carregado de possíveis construções simbólicas, sobretudo para um estrangeiro, o escritor pôde escrever sobre todos os outros lugares por onde passou. Sobre o Rio de Janeiro e suas experiências sexuais com estranhos em becos e ruelas, sobre a viagem para Israel, que causou a redefinição de suas relações com o judaísmo. Em Brasília, Rawet subverteu o texto ensaístico ao convergir deliberadamente o biográfico, o especulativo e o ficcional.

## NOTAS

1. Desenvolvo a pesquisa intitulada “*Prescrições para o futuro: Belo Horizonte no processo de modernização do Estado de Minas Gerais*” com bolsa Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Processo 2012/24049-6) e supervisão da Profa. Dra. Maria Stella Bresciani.
2. As teses e dissertações publicadas sobre Samuel Rawet encontram-se majoritariamente nos estudos literários, sob a perspectiva da recepção de suas obras e crítica literária. Até o presente momento não há conhecimento de nenhum trabalho sobre a trajetória do autor fora desse campo de estudos, muito menos dentro dos estudos históricos.
3. A naturalização de Samuel Urys Rawet filho de Szapsa Rawet e de Sura Rawet nascido na Polônia em 23 de julho de 1929 e então residente no Distrito Federal foi publicada na página 18 da Seção 1 do

Diário Oficial da União em 7 de junho de 1956. Ver.: BRASIL. Constituição (1956). Decreto nº 818, de 05 de junho de 1956. Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://www.jusbrasil.com.br/diarios/2713073/pg-18-secao-1-diario-oficial-da-uniao-dou-de-07-06-1956>>. Acesso em: 13 jun. 2016.

4. Segundo a investigadora Klidzio (2010), Samuel Rawet internou-se espontaneamente algumas vezes nas décadas de 1960 e 1970.

## REFERÊNCIAS

BAZZO, E.F. De braços dados com a loucura. *Revista Espaço Acadêmico*, v.5, n.53, p.1-1, 2005. Disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br/053/53bazzo.htm>>. Acesso em: 20 nov. 2013.

BINES, R.K.; TONUS, L. (Org.). *Samuel Rawet: ensaios reunidos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

BRAGA, M. *O concurso de Brasília: sete projetos para uma capital*. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

COSTA, L. *Arquitetura*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.

FERNANDEZ MARTORELL, C.; ROCHA BARCO, T. *Escritos autobiográficos*. Madrid: Alizanza Editorial, 1996.

FREUD, S. *Obras completas: observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia ("O caso Schreber")*, artigos sobre técnica e outros textos (1911-1913). São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

GAGNEBIN, J.M. *Historia e narração em Walter Benjamin*. São Paulo: Perspectiva, 1994.

GORELIK, A. *Das vanguardas a Brasília: cultura urbana e arquitetura na América Latina*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2005.

KLIDZIO, N. *Itinerário urbano na vida e obra de Samuel Rawet*. Passo Fundo: UPF, 2010.

RAWET, S. *Eu-tu-ê-le: análise eidética*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1972.

SARLO, B. *Modernidade periférica: Buenos Aires 1920 e 1930*. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

SIMMEL, G. O Estrangeiro. *Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, v.4, n.12, p.350-357, 2005. Disponível em: <[http://www.cchla.ufpb.br/grem/SIMMEL.O estrangeiro.Trad.Koury.rbsedez05.pdf](http://www.cchla.ufpb.br/grem/SIMMEL.O%20estrangeiro.Trad.Koury.rbsedez05.pdf)>. Acesso em: 20 nov. 2013.

VIDAL, L. *De Nova Lisboa a Brasília: a invenção de uma capital (séculos XIX-XX)*. Brasília: Editora da UnB, 2009.

Recebido em  
17/12/2015 e  
aprovado em  
30/5/2016.

**CARLOS ALBERTO OLIVEIRA** | Universidade Estadual de Campinas | Instituto de Filosofia e Ciências Humanas | Programa de Pós-Graduação em História. R. Cora Coralina, 100, 13083-896, Cidade Universitária, Campinas, SP, Brasil | E-mail: <[oliveirahcp@gmail.com](mailto:oliveirahcp@gmail.com)>.